

INVENTAR COM DISPOSITIVOS – É SÓ TIRAR UMA FOTO DEITADA? EXPERIMENTAÇÕES COM A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Luis Henrique Dias Rocha
Universidade Federal da Grande Dourados
luis.profgeo10@gmail.com

Resumo

O presente texto é resultado das experimentações desenvolvidas com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, vespertino e noturno da rede pública e estadual ensino, de Dourados-MS, durante o 2º bimestre letivo, de 2025. O intuito do trabalho consistiu em repensar a prática de ensino de Geografia, utilizando-se da linguagem fotográfica e a pedagogia dos dispositivos para possibilitar outros olhares e entendimento acerca dos povos indígenas e negros. A partir das produções dos alunos foi possível perceber uma parte ainda segue a regra de literalidade entre coisa/tema, e uma outra parcela apresentou possibilidades de repensar a partir das imagens outras formas de ver estar no mundo. Dessa forma, entende-se a necessidade de maneira de oportunizar momentos de criação de forma contínua.

Palavras Chave: Ensino, Geografia, Linguagem, dispositivos.

Uma cena necessária

O presente texto é fruto das experimentações¹ desenvolvidas com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, vespertino e noturno da rede pública estadual durante o 2º bimestre letivo, de 2025. As experimentações se inserem como possibilidades outras de repensar o mundo no qual vivemos (será que habitamos?) a partir da fotografia e a pedagogia dos dispositivos.

A partir de 1970, com o acirramento das relações capitalistas que ocasionou mudanças estruturais no mundo, seja do ponto de vista físico com a criação e a comercialização de aparatos como (TV, internet, fotografias digitais) ou de mudanças no campo das ideias e das subjetividades, de uma sociedade pautada no binarismo individualismo/consumismo postulado com base numa lógica global operado pelo modo de produção capitalista. Neste contexto, podemos observar também transformações epistemológicas no campo da ciência geográfica.

Essas transformações recaem sobre a disciplina de Geografia no contexto escolar de maneira desavisada, sem avisos prévios como um susto, no qual urge a necessidade de pensar uma Geografia escolar que leve em consideração o contexto socioespacial do educando de tal forma que ele se entenda pertencente e produtor do espaço ao qual está inserido.

Desse modo, no contexto de uma sociedade dita conectada com base nos meios de comunicação, conectando os lugares e seguindo uma lógica de um sistema informacional global construído a partir do acirramento das relações capitalista, sendo perceptível em uma de suas características é a forma como fazem os sujeitos em sociedade entrarem em contato de maneira

¹ O presente texto é parte da pesquisa de Doutorado que está em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

mais abrupta e na maioria dos casos de forma involuntária com uma gama de linguagens (signos, significados e significações) que de certa forma segue-se a lógica dessa sociedade de controle.

Assim, para promover um ensino de Geografia potente e coerente, que lide e respeite as diferenças socioespaciais do educando, contribuído para uma correlação entre as suas vivências e aquilo que se apresenta no contexto escolar, torna-se necessário que ocorra uma mudança de concepção no processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a mudança na concepção utilizada nas experimentações do presente trabalho são reorientações do pensar, do subjetivo, das ideias, da práxis que se fazem viver na prática, no fazer, no questionar, no rasurar.

Trazar o educando como centro do processo de ensinar e um aprender (alguma coisa) dentro da escola, na sala de aula, no modelo de escola que ainda hoje segue o regramento disciplinador de mentes e corpos, sendo tais condições que se materializam na infraestrutura (quando tem) e no currículo com discursos e diretrizes que não são ocultos quanto ao direcionamento de uma educação neoliberal são limites e desafios que se fazem presentes no fazer pedagógico dos educadores.

Os limites e desafios que se fazem presente são frutos de projetos de ordem da macropolítica que se chocam com uma educação fragilizada e extremamente cansada. Contexto esse de “após” pandemia no qual a partir do ano de 2022, temos a implementação gradual do novo ensino médio. Projeto esse que alterou não somente as cargas horárias de disciplinas, mas como também inseriu um conjunto de outras disciplinas no currículo de ensino.

A quem interessa o cansaço de mente e de corpos exaustos, após uma pandemia, com um currículo completamente exaustivo e desconectado do viver socioeconômico do educando, como pensar estando sufocando por tentáculos de uma política econômica neoliberal que nos asfixia cotidianamente? Como pensar, a escola nesse contexto, como pensar a vida? Como viver? Como co-habitar o espaço? Qual o papel então da geografia como possibilidade de pensar um ensinar e um aprender superando as armadilhas de uma educação neoliberal presente?

São tensionamentos do pensar que se abrem para o viver, são brechas, são fissuras que se abrem para algo que atravessa a vida em sociedade de seres que co-habitam o espaço, não nasce ou se encerra em um bimestre, são inquietações que urgem da necessidade de fazer o *outro* emergir, um por vir em acontecimento.

Um quase-tema

A experimentação realizada, se utilizou de temas como possibilidade de partida para as inquietações de mundo que se abrem a partir da utilização da linguagem permeada pelos dispositivos.

Ter o tema (conteúdo, coisa) como ponto de chegada, é sufocar um que de possibilidades de repensar o espaço geográfico que a linguagem possa vir a contribuir no processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

Dessa forma, o presente trabalho se utilizou de uma orientação do currículo ²do estado do Mato Grosso do Sul, de habilidades, competências e objetos dos conhecimentos obrigatórios a serem desenvolvidas com as turmas do 3º ano do ensino médio, para propor um outro fazer em sala de aula, como ponto de partida, como um devir de possibilidades de se situar e se sentir no mundo.

Assim, a partir das orientações curriculares a temática desenvolvida consistiu em desenvolver um conjunto de habilidades que se relacionem com a questão indígena no mato grosso do sul / dourados, e sobre a questão da comunidade negra no brasil, com enfoque na territorialidade.

Grupos étnicos, localização espacial, luta pela terra, organizações socioculturais, movimentos sociais, luta indígena e quilombola no brasil e no estado, diferentes culturas, tempos, espaços, respeito a diferença, estilos de vida, problematizar formas de desigualdades. São algumas palavras que compõem o objeto de conhecimento e as habilidades e competências desenvolvidas em conjunto com os educandos.

O quase-tema no presente trabalho é proposto como ponto de início, como algo que se abre, para o diferente, para o outro, para o novo? Assim, esse quase tema, surge justamente como possibilidade de rasurar os regimes visuais que se fazem presentes, nos livros didáticos, nas mídias e nos imaginários.

O movimento de mobilização de pensamento a partir da temática proposta consistiu no pensar-criar por meio de dispositivos, tendo na linguagem da fotografia uma outra forma de dizer, não o conteúdo em si, mas sim as inquietações do lidar com algo que foge da casualidade construída historicamente sobre como deve ser pautada o ensino de geografia em sala de aula. Com centralizações na figura de um indivíduo que detém o poder.

Com o pensamento em Paulo Freire, para repensar o fazer/pensar em sala de aula, lidar com as temáticas aqui evocadas consistiu em possibilitar o professo de conscientização do indivíduo no qual de acordo com Freire (2018, p.60) “A conscientização é isto: apoiar-se da realidade, por essa razão e por causa do enraizamento utópico que a informa, é um rompimento de realidade. A conscientização produz a desmistificação”.

Dessa forma, o questionamento necessário é, quais são as imagens de mundo? Quais são as imagens e os sons hegemônicos que se fazem presente na escola?

² Habilidades (MS.EM13CHS501) - Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

Habilidades (MS.EM13CHS502) - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais

O presente trabalho a partir da concepção do processo de conscientização consistiu em movimentar, questionar esse arcabouço de signos dominantes articulando a linguagem fotográfica e os conhecimentos geográficos no ensino de Geografia.

Questionar, desestabilizar, rasurar as imagens hegemônicas significa trazer à tona a realidade socioespacial do indivíduo. Assim, Freire (2018, p.67) “A educação só é um instrumento válido se estabelece uma relação dialética com o contexto social em que o homem está enraizado”.

Pensar o ensino de Geografia nos dias atuais é possibilitar um processo de ensino que possa vir a se desdobrar em aprendizado, no qual o estudante se sinta pertencente no processo educativo, levando em conta as suas condições socioespaciais, seu contexto de vivência, seus anseios, suas (im)possibilidades enquanto indivíduo histórico e cultural.

Assim, uma Geografia, preocupada com o entorno do indivíduo e com os anseios de uma sociedade informacional, possa vir a contribuir para a formação de sujeitos histórico e concretos.

Identificar as coisas e os objetos na superfície terrestre, sem criar conexões entre objetos e sujeitos hoje, consiste em uma prática que nada contribui para a formação de indivíduos críticos e preocupados com o coletivo. Essa forma de relação que se enraizou na escola fruto de um ensinar dito tradicional, de um outro espaço e tempo, não dá mais conta das necessidades da sociedade vigente.

Dispositivos em cena – É só tirar uma foto deitada?

Mas isso é Geografia?

O que são dispositivos?

Cai no ENEM?

É só tirar uma foto deitada?

Isso faz parte da aula?

Os indígenas estão na Bororó, tem que ir lá?

Tem que ter carroça, foto da mandioca?

É só tirar uma foto de uma pessoa negra?

Pode mexer a câmera?

Tem que ser de perto?

É pra entrevistar um indígena e uma pessoa negra?

Pra que fazer isso?

Qual o sentido dessa atividade?

O que é moldura?

O minuto lumiere pode ter som?

Vai ter prova?

São falas no tom de estranhamentos que foram emergindo a partir do contato/contágio inicial com a proposta feita para os educandos. As imagens de mundo são frutos de processos subjetivos de afetações múltiplas que atravessam os sujeitos e se materializam – no caso do

presente trabalho por meio da fotografia. No início das experimentações aqui evocadas, em sala de aula, com os alunos, a partir do diálogo ao tensionar quais são as imagens que se formam em seu imaginário e que se materializa na fala quanto aos indígenas e os negros, questões como: pobreza, miséria, preconceitos, discriminação, alcoolismo, preguiça, estereótipos, São menções feitas pelos próprios educandos. Assim, foi possível identificar a binaridade presente no regime de visualidade que molda o imaginário dos educandos. Não havendo espaço para o diferente, para a não significação, para a não desterritorialização.

Assim a presente experimentação utilizou-se da pedagogia dos dispositivos para poder repensar as imagens de mundo sobre os povos indígenas e os negros em nossa sociedade a partir da criação com a fotografia. A experimentação foi pensada e conduzido em duas esferas. A primeira, tendo os dispositivos no sentido da filosofia de Foucault³, nesse caso, compreendendo que esses dispositivos são linhas de forças de diferentes naturezas que se dão a possibilidade do *devenir-outro*. E, também, o sentido de dispositivo com base em Migliorin (2016), que apresenta os dispositivos como delimitações técnicas e subjetivas que possa vir a potencializar o processo de criação e de atribuição de outros sentidos para as imagens, sons e imagem em movimento a partir do lidar com aspectos básicos do cinema.

O acirramento técnico ocorrido a partir do século passado, trouxe para arena outros sentidos e funcionalidades das imagens. O que percebemos ao longo do século foi como a fotografia pensada pelo Estado pelo viés de aparato técnico, ideológico e político contribuiu para a formação de um regime visual sobre o outro. Sobre as coisas do mundo. Sobre uma unicidade histórica, temporal, espacial e linear. A intensificação dos fluxos ocasionados pela transformação do modo de produção capitalista, jorrou no mundo como uma artéria exposta um conjunto de significações sufocando a possibilidade do diferente *devenir*.

De tal maneira que no atual contexto social político em que vivemos somos atordoados por um conjunto de significações visuais colaborando para uma construção de imaginário que não da abertura para o múltiplo. Assim, quanto mais vemos, menos percebemos o mundo, nosso país, nossa cidade, o nosso bairro, a nossa comunidade, a nossa escola.

Assim, Migliorin (2022, p.44) apresenta que

Trata-se de pensar os processos subjetivos como uma lógica dos encontros que fazem variar potências, e essa variação é tanto mais intensa quanto mais nos coloca em composição com corpos que nos forcem a pensar, ou seja, que nos colocam nos limites do que temos intelecto-sensivelmente como instrumento para nos deixar afetar por esse corpo.

Ao apresentar o novelo de linhas que compõem os sujeitos – linhas molares, moleculares e linhas de fuga – o autor aponta para a necessidade de compreender os processos subjetivos como afetações de atravessamentos múltiplos. E que a partir dos encontros entre sujeito/máquina/afetação possa vir a ser um *devenir-outro* passível de rasurar o regime imagético, no caso do presente trabalho, rasurar/tensionar as imaginações de mundo sobre os indígenas e o negro na sociedade.

³ DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Veja: Passagens. Lisboa, 1996.

Nesse sentido, foi proposto para o educando o dispositivo: A imagem – olhar e inventar⁴. Partindo do pressuposto de que as imagens são decisões, escolhas políticas, estéticas e ideológicas. O movimento consistiu em dois processos. Primeiro, análise estética e técnica das imagens contidas em livros disponíveis na biblioteca da escola. O que vemos? Como essa imagem quer ser vista? São os disparadores para pensarmos nesse primeiro momento de maneira individual a imagem. Cada educando escolheu um livro, depois, folheou esse livro escolhendo as imagens que mais lhe captou o olhar. Após a escolha, em seus cadernos, eles deveriam tensionar o olhar para questões de ordem técnica como: luz e sombra, cor, texturas, perspectiva, profundidade, linhas e curvas, figura e fundo, escalas de planos, quadro e fora de quadro, ponto de vista.

Mosaico 1 - Experimentações



Fonte: Imagem do autor

Após a realização do primeiro movimento, foi proposto para os educandos, no tempo de mais de uma semana, com o uso de uma câmera (poderia ser o celular) na horizontal fazer duas fotografias. Regras: escolher e fotografar pessoas e espaços da comunidade que se relacione com a nossa temática geral, levando em conta alguns dos seguintes elementos: luz e sombra, cor, texturas, perspectiva, profundidade, linhas e curvas, figura e fundo, escalas de planos, quadro e fora de quadro e ponto de vista. Algumas fotografias produzidas pelos alunos estão no Mosaico 2:

Mosaico 2 - Experimentações

⁴ O dispositivo se insere no Cadernos do inventar – cinema, educação e direitos humanos. Cezar Migliorin (2016). Vale ressaltar que foram propostos para os educandos a realização de seis dispositivos, sendo três de forma individual e três de forma coletiva. Como a pesquisa está em andamento, para o presente texto foi escolhido para análise geográfica o dispositivo 1 – A imagem – olhar e inventar.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



Fonte: Fotografia dos alunos

Questões como símbolos de religiões de matriz africana, arte urbana, grafismo, foram imagens recorrentes entre as produções dos alunos. Nesse sentido, é perceptível a partir do processo subjetivo de captação tempo/espço do educando, questões que o atravessam o seu viver, o seu cotidiano, mas que decorrente da megamáquina capitalista, de linhas duras, de processos territorializantes, de significações binárias, em que estamos inseridos, nos impossibilitam de mirarmos o olhar, vemos, mas não percebemos, o outro, o múltiplo, o diferente, o viver. O mundo *outro* possível.

Mosaico 3 – Experimentações



Fonte: Fotografias dos alunos

A partir do processo de criar de um fazer-se em cena em sala de aula, algumas inquietações se fizeram presentes em todo processo de experimentação: Como as imagens produzidas pelos educandos nos mobilizam a forma de pensar os povos indígenas e o negro em nossa sociedade? O que se fez presente? O que foi posto em cena? O que ficou fora de quadro? O processo de experimentações a partir dos dispositivos mobilizou todo um fazer/criar/pensar do educando. Assim, a partir das fotografias inventadas pelos educandos são essas as inquietações que foram evocadas no momento de coletivização das produções realizadas pelos alunos. Sem identificação – para que não haja a necessidade de significações e explicações – as imagens foram projetadas por um projetor multimídia na parede. Nesse momento o que temos é uma afetação coletiva. A imagem é o mundo, mas agora também se refaz no mundo de quem o vê e percebe. A imagem deixa o seu caráter individual de especificidade do sujeito e passa a ser afetada por um coletivo. Podendo, a partir das imagens questionar o regime de visualidade evocadas no pré-fazer dos alunos e agora confrontando e co-relacionando com as fotografias criadas pelos alunos a partir dos dispositivos. Numa construção coletiva de possibilidade outras de pensamentos que fugisse da lógica binária e dominante. Assim, para além de símbolos e enunciações vazias, um olhar atento, uma sensibilidade no captar, uma atenção no próximo, no perto, no envolta, no deslocar territorialmente, no caminhar mentalmente, se fizeram presente.

Considerações finais

A presente experimentação é uma ramificação de um trabalho de pesquisa de Doutorado em andamento que tem por preocupação o pensar outras práticas de ensino de geografia, tendo o espaço geográfico como arena de possibilidade a partir da linguagem cinematográfica e os dispositivos, portanto, um trabalho em movimento, em constante transmutação. O processo de construção do presente trabalho ocorreu de maneira árdua, no sentido de trazer aos alunos coisas, formas de fazer, pensar, lidar, com o *outro*, devido a condição histórica e de infraestrutura a qual se insere a escola/ensino. Que de início se deu em tensão, conflito, como forças opostas. Ao longo do movimento, a partir do processo de evidência do sujeito enquanto agente transformador foi possível perceber o engajamento dos mesmos. Pensando em processos de subjetividade, é possível perceber ainda a literalidade em que os educandos agem, no sentido de coisa/tema, muito em função dos diversos estímulos que os condicionam e os capturam. Em alguns casos, fissuras, brechas de um outro jeito de pensar entraram em cena. Mudanças de entendimento de mundo são processos constantes e que se dão a partir de uma transversalidade de fatores que atinge os sujeitos, nesse caso, o que a experimentação proporcionou foi o deslocamento de pensamentos enraizados na forma de ver e entender o mundo com enfoque nos indígenas e no negro – De coitados, vítimas, marginalizados, pobres e miseráveis para diferente, respeito, diversidade, sujeitos de saberes históricos, ancestralidade ecoaram nas vozes dos educandos a partir da coletivização das fotografias inventadas. Demonstrando assim, a necessidade de pensar em maneiras de oportunizar esses espaços de trocas de forma contínua. Como movimento potente de confronto e rasura do regime visual.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. Conscientização. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente Cinema: educação, política e mafuá. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015

MIGLIORIN, Cezar. et al. Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos. Niterói (RJ): EDG, 2016.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e clínica: a criação em processos subjetivos e artísticos. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2022. E-book (143 p.). (Outros passos).

SED/MS. **Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul**. Ensino Médio. 2022. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Curriculo-Novo-Ensino-Medio-v1.1.pdf>.